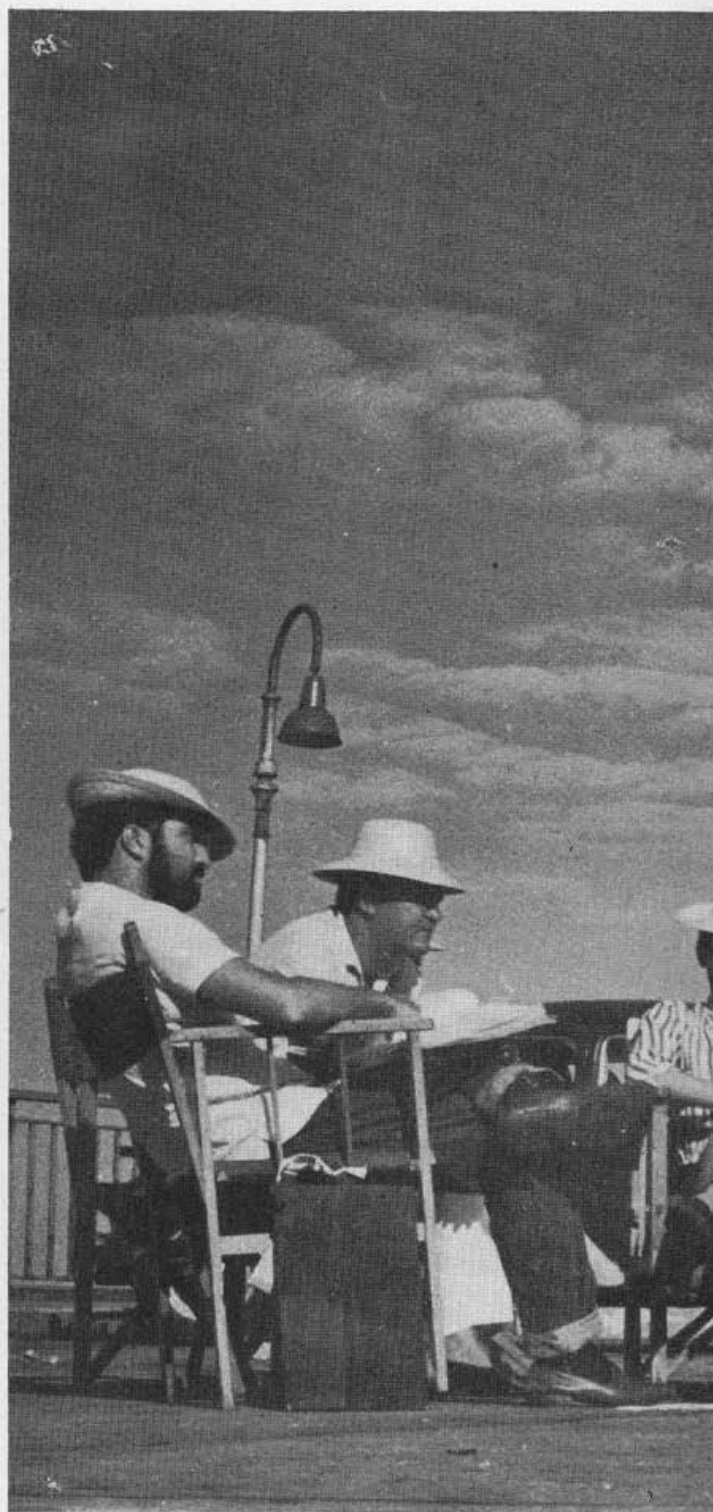


DOMINGOS, O CINEMA EM LIBERDADE

Môço ainda (30 anos), inteligente, tranqüilo, cheio de boas idéias e de bons planos: todos com vida, com **charme**. A euforia, aliás, é uma das marcas registradas de Domingos de Oliveira. Euforia e talento. Mal acabou **Coração de Ouro**, já está planejando um filme com "anjo" e "Natal", à maneira de Frank Capra. Tem loucura por filme de "horror" e quer fazer um filme do gênero, de argumento seu, pronto há alguns anos. Mas faz questão de frisar: sem os fantasmas e os castelos mal-assombrados, desenrolado nos cenários mais cotidianos do homem. Gosta também de **science-fiction**. Mas diz que não quer saber de outros planêtas: quer fazer ficção científica aqui na Terra mesmo. Diz êle que "está aberto" a tudo o que é bom, portanto não pode responder quando perguntado qual aquele diretor de sua paixão ou aquela influência especial que possa tê-lo marcado. Excelente "papo", narra fatos curiosos relacionados com o financiamento de seu filme **Tôdas as Mulheres**. Sem mágoa, feliz pelas soluções encontradas, conta o caso do primeiro dinheiro: 5 milhões de cruzeiros velhos, que Napoleão Muniz Freire "tirou" de um amigo gerente de banco; a venda de participações, algumas "vexatórias" (se bem que êle não se tenha sentido "vexado"), ia resolvendo os problemas de maior urgência. Ao que parece, com **Coração de Ouro** êle não terá êste tipo de problema: mas o seu grande sonho é ter alguns milhões de capital de giro e trabalhar sossegado.

(C. F.)

SEGUE



Equipe de "Coração de Ouro":
da esquerda para a direita,
Joaquim Assis, Mauro Madrugada,
Paulo José, Domingos de Oliveira
(de costas), Luis B. Neto, Claudio MacDowel,
Eduardo Prado.



A TRAJETÓRIA DE DOMINGOS

Lella Diniz,
Domingos de
Oliveira,
Paulo José.

Carioca: 30 anos de idade. Engenheiro eletricitista, formado pela Escola Nacional de Engenharia. Também é homem de teatro: autor, produtor, ator, diretor e professor. Nesta última categoria ensinou direção no Conservatório Nacional de Teatro. Como ator (fêz o curso do "Studio Produções", de Jack Brown, durante dois anos) diz que apareceu somente em *Carnaval para Principiantes*. Entre as inúmeras peças a que ligou seu nome estão: *Somos Todos do Jardim da Infância* (autor, diretor e produtor), *A História de Muitos Amores* (idem, idem), *O Grilo e a Chama* (autor), *Carnaval para Principiantes* (além de ator, autor), *Sétimo Céu* (peça de Austin Strong: diretor e produtor), *Em Busca do Tesouro* (peça infantil de R. R. Filho: diretor e produtor), *Desde os Tempos de Eva* (que ele produziu para o Meia Noite do Copacabana-Palace). Também organizou e participou de diversos seminários de Dramaturgia e Interpretação.

Como homem de TV foi produtor da Globo durante um ano e meio, quando se destacou com *Show da Noite*, com Glauco Gil. Dirigiu e escreveu diversas telepeças: *A Psicologia das Algemas*, *Polêmica*, *A Sereiazinha*, *O Caso dos Discos Voadores*, *As duas faces da Moeda*, além de ter adaptado para a TV sua peça *Somos Todos do Jardim da Infância*.

Domingos é jornalista (atuou como repórter na *Tribuna da Imprensa*, foi redator de *Manchete*) e literato (além das peças e argumentos de filmes ganhou os prêmios G.R.D. da *Tribuna da Imprensa* com *O Túnel* e *O Menino Que Não Podia Receber Presentes*).

No cinema, começou como assistente de direção (de Joaquim Pedro de Andrade) em *Manuel Bandeira*, *o Poeta do Castelo* e *Couro de Gato*. Fêz alguns roteiros para a série filmada de TV, *22-2000*. Finalmente lançou-se como diretor (também autor do argumento e roteirista) com *Tôdas as Mulheres do Mundo*. Seu segundo filme: *Coração de Ouro*.



ENTREVISTA

a Ely Azeredo e Carlos Fonseca

FILME CULTURA — Como homem de Teatro e TV, por que se decidiu a fazer cinema? Acha mais fácil encontrar a realização pessoal no Teatro, na TV ou no Cinema?

Domingos de Oliveira — No Brasil, o Teatro, embora sua magia irresistível, tem muito pouca viabilidade como profissão. Além disso o cinema é o teatro, a música, a pintura, a linguagem enfim da minha geração. Atinge maior público e afinal é isso que nós artistas de hoje queremos: falar com muita gente. Sinto-me mais realizado como diretor e escritor no cinema. Além dos motivos citados acima, o filme permite muito mais que o autor o "assine". Na montagem teatral, o ator é o grande elemento de comunicação.

FC — Você fez *Tôdas as Mulheres do Mundo* espontaneamente ou procurando adaptar-se a uma estética preconcebida?

DO — Tenho verdadeiro preconceito contra o preconceito.

FC — Pretende se limitar a uma temática ou abordar assuntos diversos?

DO — Tenho para mim a minha temática, que pretendo abordar em assuntos diversos. O que tenho a dizer aos outros se refere sempre à invencível liberdade do ser humano. Particularmente à sua liberdade interior que, a meu ver, é a força que tornará o mundo livre.

FC — A que atribui você o sucesso de público de *Tôdas as Mulheres*?

DO — Saído de uma fase de pouco valor artístico, o cinema nacional caminhou nos últimos anos, por reação, em terrenos mais ou menos heréticos. A temática do cinema novo, por exemplo, é popular, sua forma não. Esta fase, com o desenvolvimento industrial, está sendo agora superada. *Tôdas as Mulheres*, cujo único charme consiste em ser um filme sincero e simples, foi um dos primeiros passos dessa superação.

FC — O que acha das possibilidades (pouco exploradas) do humor brasileiro (ou carioca) no cinema, fora da chanchada?

DO — São totais. O senso de humor é característica do brasileiro, particularmente do carioca. Cito Millor Fernandes: "Sómente o humor é sério".

FC — Cite projetos seus, dizendo alguma coisa sobre a natureza de cada um dos principais?

DO — *As Duas Faces da Moeda*,

meu próximo filme, conta a história de um homem derrotado, um funcionário público, escravo do medo, desconhecedor do mundo que o cerca. E que, através da consciência da morte, conquista a consciência da vida. Trata-se de um roteiro quase à Frank Capra, que me parece de grande atualidade. *A Baratização*, crônica do desespero. De um certo tipo de gente, que conheci bem, que bebe todo o tempo, que vive na faixa estreita entre o desvario e o suicídio. *A História de Muitos Amôres*, um drama lírico, talvez onírico, de um circo à beira da falência. Que fala das ilusões, e de quanto pode o homem viver num mundo que ele criou à revelia da realidade. *9089*, comédia de João Bethancourt. *A Culpa*, meu melhor roteiro. *O Filho da Mãe*, de Eduardo Gaiães. *Diário de um Vampiro*, meu filme mais "internacional".

FC — Aproveitando a sugestão do último título citado, como você vê um cinema brasileiro fantástico ou terrorífico?

DO — Com os melhores olhos. Adoro o gênero e trabalharei sobre ele, certamente. O Fantástico e o Terror são gêneros ainda pouco explorados no cinema, e até mesmo na literatura, justamente pela sua dificuldade. Porque trabalha com os fantasmas do homem, seu lado mais oculto e incontrolável. Naturalmente cabe observar que não me refiro aos castelos medievais. O que me atrai é o terror e o fantástico do cotidiano.

FC — O que acha de *Mogica Marins*?

DO — Curioso, interessante, como tudo que é convictamente sincero. Vi apenas *Esta Noite Encarnarei no Teu Cadáver*.

FC — Quais os seus cineastas preferidos?

DO — Bergman, Fellini, Rossellini, Godard. Adoro Hitchcock. Gosto muito de Glauber Rocha.

FC — Quais os seus problemas com a Censura?

DO — Em *Tôdas as Mulheres* tive uma cena bastante ingênua cortada pela censura. Em *Coração de Ouro* temo agressões maiores. Como artista honesto em meus propósitos não posso ter outra posição: sou contra a censura.

FC — O que acha que pode ainda ser feito no campo de proteção e estímulo ao cinema brasileiro?

DO — Para responder de modo mais completo essa importante pergunta seria necessário uma entrevista à parte. Todavia, de modo geral, me parece que o moderno cineasta brasileiro precisa basicamente de dinheiro e liberdade de expressão. O INC, dentro de sua orientação atual, poderá fornecer as duas coisas, desde que não se perca nos perigosos abismos do controle estatal da iniciativa privada.

FC — Como você trabalha, como

encara o trabalho cinematográfico, a contribuição dos elementos da equipe, a disciplina, a improvisação?

DO — Trabalho com muita exaltação, com muita fidelidade à história e à verdade que tento narrar. Encaro o trabalho cinematográfico como um trabalho de equipe. Tenho a minha equipe, liderada por meu irmão-de-alma, minha segunda-consciência, meu crítico-músico e montador predileto: Joaquim Assis. Todo o tempo me preocupo em tornar o filme uma criação de conjunto. Em filme meu, todo o mundo cria, e ouço atentamente o que têm a dizer o chofer ou o electricista. Trabalhamos em rígida disciplina, como os militares. Acreditamos que trabalhar disciplinadamente não limita, porém aumenta a individualidade. Como diretor, não somente improviso para resolver problemas de produção, como improviso também por método de trabalho. O moderno trabalho cinematográfico, creio, concretiza-se durante a feitura. Como no dia a dia, por mais que imaginemos como as coisas serão, somente o sabemos quando elas acontecem. Gosto de ter um roteiro muito firme, muito escrito, antes de começar a filmar. Justamente para poder modificá-lo durante a filmagem.

FC — Há um problema de ator no cinema brasileiro?

DO — Talvez uma certa falta de conhecimento do processo cinematográfico. Penso que todo bom ator de cinema sabe com que lente está sendo filmado, que iluminação, etc. É um segundo diretor. Por isso, Paulo José funciona tão bem. E Leila Diniz. Meus atores são sempre responsáveis por substancial parte do roteiro, quando o filme fica pronto.

FC — Diga algumas palavras sobre Leila Diniz.

DO — Leila é divertida, me divirto ao lado dela. Leila é inteligente, ela me entende. Leila é bonita, como o sol, o mar e as montanhas. Ela está escrevendo um roteiro, e me contou outro dia uns pedaços. É ótimo. Mas que nenhum diretor se habilite: já adquiri os direitos autorais.

FC — Quais são as diferenças e proximidades entre seu primeiro filme e o segundo? Sente-se em quase tudo o que você diz "um pouco" de *Tôdas as Mulheres*. *Coração de Ouro* também pode ser sentido assim?

DO — *Coração* tem outra temática, é um filme menos romântico. Mais crítico, mesmo porque o roteiro original não é meu e sim de Eduardo Prado. A mesma espontaneidade, sim. Idem, o mesmo ritmo, talvez um pouco mais rápido. Também um "happy-ending", se bem que chorei outro dia na moviola, ao assistir a ele. Mesmo sentimento ao terminar: não sei bem se é bom ou ruim. Sei apenas que é meu, que não contém uma mentira sequer.

DOMINGOS

FALA DE

SEUS

FILMES

Pepita Rodrigues
e Paulo José:
"Coração de
Ouro".

(...) *Sobre "Tôdas as Mulheres do Mundo"*: "Parece-me que vivo numa época em que o Amor é coisa particularmente difícil. Raro, talvez até impossível, encontrar um casal feliz, na noção que tenho de felicidade, estado de alma que envôlve uma liberdade individual completa. O desencontro amoroso é, hoje em dia, quase essencial à ligação amorosa, e esquemas os mais perigosos são inventados inútilmente para diminuir a angústia dêsse fato. São muitas as causas do fenômeno e o ensaio definitivo sôbre o assunto está ainda por ser escrito. É sôbre uma das causas, que penso ser das mais importantes, que fiz meu filme. A independência da mulher".

(...) "Escrevi o papel de Maria Alice para Leila Diniz, com tudo que ela sabe fazer, utilizando o conhecimento que tenho dela, que não é pouco. Leila é uma mulher fantástica, inteligente e boa atriz. Se tivés-

semos uma máquina de propaganda proporcional, ela poderia chegar à notoriedade de uma Bardot ou Karina".

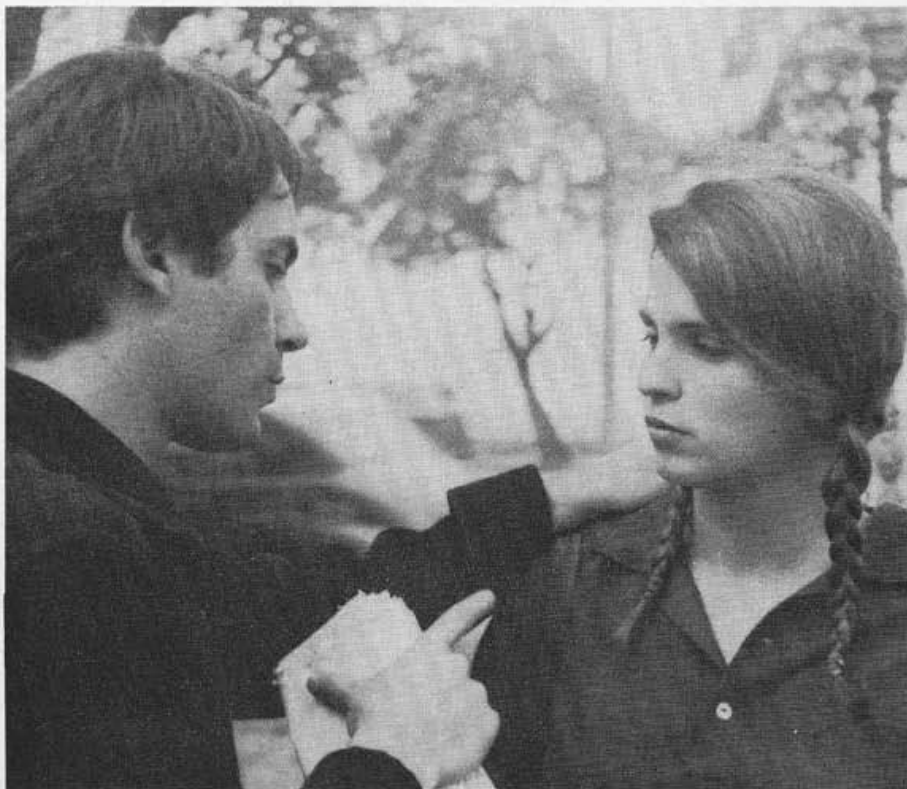
(...) "Fazer cinema é como falar a pessoas numa sala. É preciso não gaguejar, falar alto e claro, para ser entendido. Para ser entendido, usei em minha comédia da citação sofisticada à chanchada. Um filme é apenas um filme, e muitos estão sendo feitos neste exato momento, por aí. Não quero que me achem genial, culto ou bonito. Quero que vejam o filme divertidamente e o entendam. Quero, depois do filme, poder falar com os espectadores como se os conhecesse há muito tempo".

(...) *Sobre "Coração de Ouro"*: "Meu amigo Eduardo Prado trouxe um roteiro. Chamava-se *Coração de Ouro*, por causa de um samba de Elton Medeiros e Joacy Santana. Gostei muito. Era a história de um



carioca típico, que corria atrás de mulheres o dia inteiro e voltava para casa à noite, para bater na porta do quarto da empregada. Era muito engraçado. Mas não só. Por trás daquela aventura veloz, havia um personagem fascinante. Um homem que não se ligava a nada, que não tinha caminhos — um alienado, por essência e filosofia. Reescrevi o roteiro junto com Edu. Brigamos muito, eu e Eduardo, para que nossos mundos particulares chegassem a um acôrdo. Mas conseguimos, creio. Hoje, *Coração* não é mais dêle nem meu: é nosso”.

(...) Fiz questão que o personagem principal de *O Coração* (que Paulo José interpreta) se chamasse Edu”.
 (...) *Coração de Ouro* é a descrição de uma personalidade. Um homem, seu mundo à sua volta. Edu mora em Ipanema. Anda por lá, por Copacabana. Encontra amigos, mulheres, vai no rumo que o vento o leva. A fama ipanemense. A praia, as ruas comuns. *Coração de Ouro* é um filme de fidelidade ao cotidiano. Com a vivência da filmagem, quando penso em Edu lembro do astronauta. Se aquêle fio que o liga à nave se partisse, êle não poderia sobreviver. Um cadáver girando ao redor da Terra, um satélite natural. Impossível viver sôlto no espaço. Edu não se liga a nada. Não admite compromissos. É um alienado consciente, por essência e filosofia. Quanto tempo conseguirá Edu viver assim? A corrida penosa atrás de cada momento, quanto tempo Edu agüentará êsse esforço? Um homem tem de se ligar a alguma coisa: ao Partido Comunista, ao zembudismo, alpinismo, escotismo, qualquer coisa. Edu não quer ligar-se a coisa alguma. Talvez porque não concorde com coisa alguma. Talvez porque ache que o mundo, a sociedade em que vive, é um êrro. E não queira ser cúmplice dêsse êrro. Um homem não pode viver sôlto no espaço. O mundo, na sua caleidoscópica grandeza, oferece a Edu apenas uma opção: integrar-se ou morrer de solidão. E Edu reage, com esforço. A narrativa desta reação, a descrição dêste esforço, é essa a temática de *Coração de Ouro*. Existe em cada homem, incontida, a mágoa de o mundo não ter sido criado a seu gosto e forma, imagem e semelhança. Sômente através do sofrimento é que pode ser redimida essa mágoa e, conseqüentemente, aceito o mundo, em tôda sua beleza e vilania. Por outro lado, todo homem sabe que, no momento em que não comete o suicídio, está aceitando o mundo. Edu, o *coração de ouro*, é isso: o herói impossível, na corda bamba, no fio da navalha, entre a morte e a aceitação da vida. Porém, uma vez comentada a temática, é bom lembrar: o filme é uma comédia...”.



Paulo José
e Lella Diniz:
“Coração de
Ouro”

Paulo José:
“Tôdas as
Mulheres do
Mundo”.

